

As Diferentes Interpretações da História¹

Professor Dr. Gilmar Mantovani Maroso²
Professora M.Sc. Cristina M. Zanferrari³

Resumo

Este artigo é uma discussão teórica sobre o fazer história, e objetiva discutir a reescrita da história, a partir das diferentes abordagens e interpretações históricas. A pesquisa histórica, independente de quem a realiza é uma tentativa de interpretação sobre determinados fatos e ou acontecimentos históricos. Toda a tentativa de resgate histórico sobre fatos, acontecimentos e ou eventos vividos pela sociedade, são reescritas contínuas da história, e podem constituir uma memória acerca do passado, do fato acontecido, também entendido como Pró-memória. Sabe-se que cada historiador formula suas perguntas específicas, serve-se de fontes e técnicas diferentes, apoiando-se em problemas, conceitos e documentos. Portanto, o estudo histórico é uma reflexão a respeito de um conjunto de determinadas temáticas. O conhecimento histórico pode ser aprofundado pelas diferentes abordagens e pelo aprimoramento metodológico ao trabalhar as fontes.

Palavras Chaves: Diferentes Abordagens. Interpretações Históricas. Reescrita da História.

1 INTRODUÇÃO

*“Em todo o mundo é assim:
morrem as pessoas,
fica a História.”
Mia Couto*

O presente artigo tem como objetivo discutir a reescrita da história, a partir das diferentes abordagens e interpretações históricas. Trata-se de um estudo introdutório e de discussão acerca das diferentes interpretações da história. A pesquisa, em relação aos enfoques, temas e métodos de abordagem, se deu basicamente através de uma pesquisa bibliográfica, a partir da historiografia relacionada a esse assunto.

¹ Contribuições à dimensão do Desenvolvimento Econômico do Projeto Pró-Memória de Carazinho.

² Doutor em História pela PUCRS, Docente do Curso de Administração e Coordenador de Pesquisa e Pós Graduação da ULBRA – Campus Carazinho R/S. email: gmaroso@uol.com.br

³ Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo, Docente do curso de Pedagogia da ULBRA - Campus Carazinho R/S. email: cristinazanferrari@uol.com.br

A pesquisa histórica, independentemente de quem a realiza, é uma tentativa de interpretação sobre determinados fatos e ou acontecimentos históricos. Muitos são os acontecimentos históricos que uma determinada sociedade vivencia no decorrer de sua formação social.

Toda a tentativa de resgate histórico sobre fatos, acontecimentos e ou eventos vividos pela sociedade, são reescritas contínuas da história, dada a necessidade de relatar, compreender e interpretar os diferentes processos e eventos humanos. O resgate histórico pode ser considerado uma reflexão acerca de determinados fatos passados, e pode constituir uma memória sobre esse passado, do fato acontecido, geralmente também entendido como Pró-memória.

2 A REESCRITA DA HISTÓRIA

Muitas são as versões da história, mas há duas razões e ou motivos do porquê os historiadores escrevem e ou reescrevem as histórias: primeiro, pode-se dizer que escrevem sobre fatos e ou acontecimentos, pois esses são temporais, isto é, “a história se torna visível e apreensível com a sucessão temporal” (REIS, 2002, p.7). O segundo motivo que os induz à reescrita da história, deve-se ao fato de que o “conhecimento histórico muda, acompanhando as mudanças históricas” (REIS, 2002, p. 9).

À medida que reescrevemos a história, isso nos induz a novas interpretações. Essas podem ser resultados da própria observação do pesquisador, ou resultado de uso de novas técnicas de pesquisa e até mesmo devido à descoberta de novas fontes históricas. Portanto, à medida que empreendemos novas interpretações aos acontecimentos históricos, conceitos podem ser estabelecidos, o que pode também influenciar em novos pontos de vista e até em novas teorias históricas.

Como os acontecimentos históricos precisam de tempo para se revelar, as mudanças no processo histórico alteram as interpretações da história. Dado a isso, Reis (2002, p. 9) afirma que “a história necessariamente escrita e reescrita a partir das posições presente”. Ou seja, devemos escrever a história no presente, mas

devemos ter cuidados para não cair no anacronismo, isto é, interpretar os acontecimentos recentes com base em teorias explicativas do passado e ou a partir da ideias passadas.

Nesse sentido, Reis (2002, p. 10) adverte que “Interpretar é atribuir sentido a um mundo histórico e determinado em uma época determinada”. Já a compreensão é um exercício complementar à interpretação, necessário para “autolocalizar-se no tempo, retendo, articulando e integrando suas próprias dimensões temporais”.

Sabe-se que cada historiador formula suas perguntas específicas, servindo-se de fontes e técnicas diferentes, o que lhes permite apoiarem-se em problemas, conceitos e documentos. Somados a isso temos outro fator complementar que é a narrativa, a qual é um esforço de organização e atribuição de sentido aos acontecimentos históricos.

Ao escrever ou reescrever a história, faz-se necessário estabelecer recortes espaciais e temporais, com enfoque interdisciplinar, apropriando-se das diversas áreas do conhecimento, as quais devem ganhar imbricações, na explicação das últimas transformações da sociedade. Com o transcorrer do tempo, a sociedade começa a diferenciar-se pelas distintas instâncias temporal-espaciais. Esse processo de mudança assume diferentes ritmos de duração e intensidade. O que não implica estudar fatos históricos que se sucedem no tempo e fenômenos geográficos da superfície da terra de forma isolada, mas de forma totalizante, a partir do estudo da sua formação socioespacial.

No que diz respeito ao projeto de pesquisa ancorado na Pró-memória de Carazinho, não tem a pretensão de uma história totalizante e ou que se usa exclusivamente de uma categoria de análise totalizante, a exemplo da formação socioespacial. Nesse estudo histórico, procura-se contribuir com uma nova reflexão a respeito de um conjunto de determinadas temáticas, as quais buscam, a partir de diversos enfoques históricos e abordagens, dada a diversidade formativa dos pesquisadores, constituir um pensamento multidisciplinar e não único. O resultado disso é uma abordagem nova, organizada numa subespacialidade local/regional, permeada por agentes históricos pré-determinados.

De acordo com a escola dos Annales, que buscou na interdisciplinaridade a compreensão dos processos históricos, sabemos que cabe ao historiador dar significado e sentido à história. O conhecimento traz em si a teoria e seu arcabouço: científico (conceitos e modelos); metodológicos (domínios, temas e dimensões); e filosóficos (interpretações).

Partindo do princípio do vetor epistemológico, a construção do conhecimento científico vai do racional, - da cabeça do pesquisador, a partir de diferentes modelos, formas de percepções e ou olhares -, para o real. O real se constitui da realidade objetiva, de um conjunto de fato. Até porque a ciência busca a comprovação ou refutação dos fatos.

A compreensão dos fatos é um ato de conhecimento, e o ato de conhecer é individual, um processo racional pelo qual o homem conhece o mundo. É desse conhecimento que resulta a cultura, geralmente acumulada pela linguagem, que implica em um conjunto de enunciados sobre o mundo. O que implica também, portanto, diferentes formas de abordar e escrever a história.

3. AS DIFERENTES ABORDAGENS HISTÓRICAS

O conhecimento histórico pode ser aprofundado, principalmente pelas diferentes abordagens e pelo aprimoramento metodológico. Segundo Barros (2004), a história possui três campos de estudos: a) por suas dimensões e ou enfoques; b) pelos domínios e ou temas; c) pelas abordagens e ou métodos.

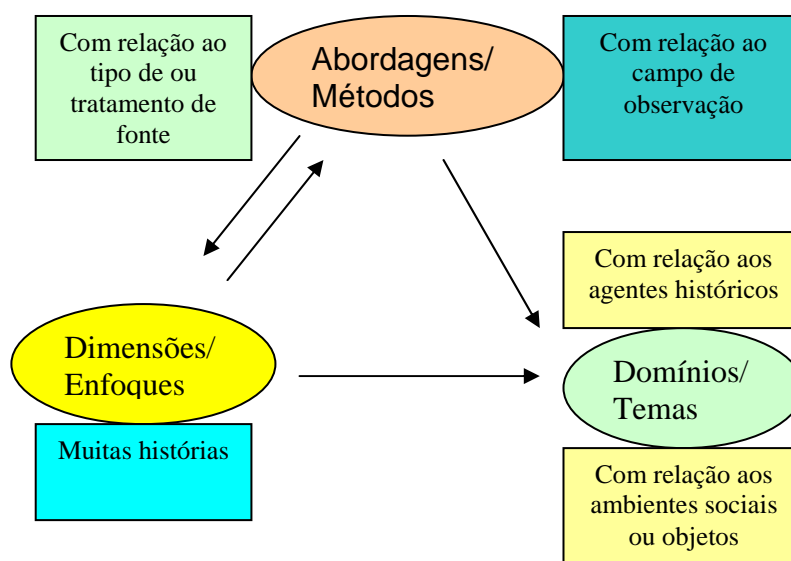


Figura 01: Os Campos de Estudo da História

Fonte: Adaptado de Barros, 2004.

Observa-se que as dimensões e ou enfoques históricos podem envolver a História da Cultura Material; História Social; Geo-História; História Demográfica; História Econômica; História Política; História Cultural; História Antropológica (Etno-História); História das Mentalidades (Psico-História) e História do Imaginário.

Quanto aos domínios e ou temas históricos, são relacionados aos ambientes sociais, objetos e ou agentes históricos, em que se tem: a História da Sexualidade; História das Artes, História das Ideias; História do Direito; História da Religião; História da Vida Privada; História Rural; História Urbana; História das Mulheres; História das Massas e História dos Marginais.

Em relação às abordagens e ou métodos históricos, estes dizem respeito ao tratamento das fontes e ao campo de observação. A partir disso podemos ter a História Oral; História do Discurso; História Serial; História Imediata; História Quantitativa; História Regional; História Local; Micro-História e os estudos Arqueológicos e Biografias.

Dadas essas múltiplas abordagens, dimensões e enfoques da história, a pesquisa de resgate parcial da Pró-memória de Carazinho, pode-se classificar em

relação às dimensões e ou enfoque como uma história social: estudo da comunidade, dos círculos de sociabilidade, grupos e classes sociais e ou processos de transformação da sociedade.

Em relação aos domínios e ou temas históricos, podemos considerá-la como uma história da vida privada, história urbana e história dos marginais, pois analisa agentes e ou personagens históricas, muitos deles relegados pela história local, ambientes sociais e objetos.

Ao se trabalhar com a história da vida privada, e principalmente com a história dos marginais, o tratamento das fontes e a observação, bem como a sensibilidade do pesquisador, são fatores determinantes no resgate histórico. Toda sua interpretação e reescrita da história está relacionada à forma como são trabalhadas as fontes de pesquisa histórica.

Identificar e ou resgatar a memória de uma comunidade, a partir de um conjunto de personagens até então “não lembrados” pela história já escrita, exige que os pesquisadores adotem para cada temática, para cada fonte de pesquisa, um tratamento específico, ou seja, diferentes métodos de abordagens.

Mesmo que os estudos tenham uma contextualização própria, trata-se de uma história com foco no local, na comunidade. Uma das estratégias de busca dos fatos e ou acontecimentos históricos se dá através da história Imediata, através das suas fontes constituídas em matérias, reportagens de jornais e atas de entidades sociais. Dessas fontes, o historiador pode escrever uma história a partir da análise do discurso. Outra fonte importante de resgate da história diz respeito à história oral. Recurso muito usado quando se quer escrever a história dos até então marginalizados.

Nesse contexto, cada historiador ao escolher seu estudo de história, pode ter “seus próprios objetos de pesquisa e ser portador de suas próprias abordagens – como também repartida em várias visões diferenciadas do que seja a própria história enquanto campo do conhecimento” (BARROS, 2004, p.10-11).

No entanto, a multidimensionalidade de formas de se fazer história, pode levar a certa fragmentação da especialidade, o que leva a diferentes formas de ver e

fazer história. Isso gera uma crise de paradigma, onde não se tem um único padrão de referência historiográfico, de encontro às características da modernidade e ao encontro da pós-modernidade.

As especializações dos conhecimentos prejudicam a visão e abordagem mais abrangente da sociedade, a exemplo da história cultural e da história das mentalidades. Muitos pensadores pensam que a superação poderia ser atingida por exercermos mais a interdisciplinaridade dos saberes. Porém, com a crise dos grandes modelos de história, essa se fragmenta em várias dimensões (enfoques) e domínios (temáticas).

Nesse contexto, de pós-modernidade, novas abordagens ou modos de fazer história ganham evidência. Assim a história passa a ser múltipla, pois para compreender melhor o mundo, os pesquisadores realizam recortes, o que facilita e simplifica os estudos históricos. Eles os fazem à medida que definem os pontos de partida mais significativos. No caso do Projeto Pró-memória de Carazinho, os pesquisadores elegeram temas significativos do ponto de vista pessoal e de acordo com a sua temporalidade, o que resultou em temáticas que abarcam o resgate histórico parcial de algumas instituições educacionais, religiosas, de saúde, e sociais. Também buscam o resgate de fatos políticos, do esporte e da cultura, além da história de alguns personagens empresariais.

Dada a variedade de acontecimentos históricos estudados, é normal que ocorra uma variedade de critérios na abordagem histórica. De acordo com Barros (2004), três ordens de critérios são usadas nas divisões de história: enfoques, métodos e temas. Os enfoques contribuem no que se pretende ver no plano da observação, em uma determinada sociedade. Já os métodos de abordagem implicam o modo de fazer história, levando em conta as fontes que o pesquisador utiliza. Quanto aos temas, são escolhidos determinados sujeitos e objetos aos quais será dirigido o estudo.

As escolhas de fontes históricas advêm da escolha do pesquisador orientada pelo problema a ser investigado. Ao escolher uma abordagem com base da história oral, estaremos realizando uma reflexão “a partir da coleta de depoimentos, que depois deverá analisar com os métodos adequados” (BARROS, 2004, p. 132). A

análise desses depoimentos, segundo Barros (2004), refere mais a “métodos e técnicas” do que em relação aos aspectos teóricos. Isso porque “A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo” (BARROS, 2004, p. 134).

Em oposição à história oral, que tem sido usada pela maioria dos historiadores, temos as fontes baseadas

nos registros já existentes que foram deixados voluntaria ou involuntariamente no passado – registros que, hoje o sabemos muito bem, podem ser de toda ordem, incluídos os objetos de cultura material e as imagens iconográficas, os ambientes urbanos e a própria materialidade de uma cidade (que pode contar histórias de longa duração), a natureza interferida pelo homem, chegando por fim aos ‘textos’ (ou, como se diz, às fontes escritas). O Oral pode ser situado em oposição, a princípio, ao Escrito. Cada um destes registros gera os seus próprios problemas (BARROS, 2004, p. 133).

O autor adverte ainda para os que podem se esconder atrás das documentações escritas, “contornos silenciosos e falseamentos, revelando segredos que o próprio autor do texto não pretende revelar” (BARROS, 2004, p. 134). Se os textos representam testemunhos, hoje essas mesmas fontes podem ser decifradas pela análise do discurso. A análise de discurso supera a visão positivista da fonte histórica que via nela apenas o testemunho, e nos remete a uma abordagem mais qualitativa, semiótica do texto, interpretações da fala e sobre o que silenciam.

Já em relação ao delineamento da pesquisa, realizamos uma abordagem descritiva, à medida em que se expõem as características de determinados fatos. Também se utiliza uma abordagem interpretativa, na tentativa de explicar as mudanças pelas quais a sociedade tem passado no decorrer de um período histórico, que vai desde a emancipação político-administrativa até o tempo presente. O recorte histórico obedece a uma periodização que privilegia marcos histórico-locais. A temporalidade histórica depende muito do fenômeno que se quer analisar, pode ser uma conjuntura de curto prazo, um interciclo com uma temporalidade mediana, até mudanças estruturais, as quais são percebidas no tempo longo.

No organograma a seguir, demonstraremos, brevemente, as imbricações que a história social possui, quais suas dimensões e que temas históricos se relacionam aos ambientes sociais, objetos e ou agentes históricos.

A história social busca interpretar a organização social de uma família, ou comunidade. Não se trata de uma tipificação propriamente dita, pois isso é objeto da sociologia. A comunidade urbana, diferentemente da rural, ganha forma sob o ditame da dinâmica do processo de urbanização.

Cabe à história demonstrar os processos de transformações sofridos pela sociedade, diante das diferenças e ou desigualdades sociais que o sistema socioeconômico vigente a submeteu.

Isso pode ser melhor percebido quando se estabelecem os círculos de sociabilidades, entre determinadas populações. Esses fatos tornam-se melhor evidenciados quando da ocorrência de processos de industrialização, os quais expõem o contraste de classe, a exemplo do assalariado.

As transformações sociais aqui devem ser entendidas como mudanças que ocorrem na mesma, em vários aspectos, podendo ser de ordem econômica, política e social. Podemos dizer que ocorrem mudanças quando há alterações de seus padrões de normalidade. A normalidade em história deve às situações de permanências. Portanto, mudanças e ou permanências são categorias de percepção da história.

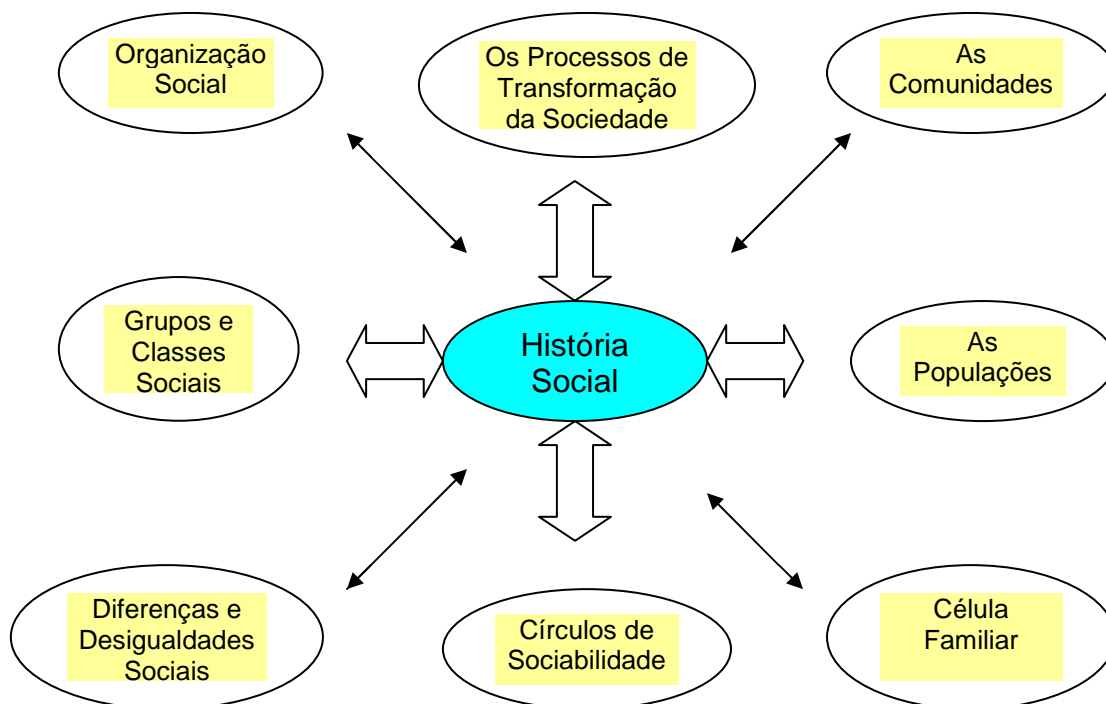


Figura 02: As dimensões da História Social

Fonte: Adaptado de Barros 2004.

Situações de mudança e ou permanências devem ser analisadas num período temporal de maior escala. O ideal seria usarmos outra categorização para estudar as mudanças e permanência, que é a formação socioespacial de um determinado país, região e ou até mesmo município, permitindo mediações entre o mundo e o local. Dessa forma a territorialidade do local é sua expressão máxima. No entanto, cabe salientar que a territorialidade pode ou sofre influência externa, “a ordem global busca impor a todos os lugares uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo, segundo os diversos modos de sua própria racionalidade” (SANTOS, 1999, p. 272). Essa racionalidade advém do modo de produção - que mesmo sendo um conceito abstrato -, é a base das formações sociais, as quais “são combinações estruturadas de diversos modos de produção e dominadas por um deles” (AMIN; VERGOPOULOS 1986, p. 12). Frente a isso, é importante a visão de totalização deste processo e não apenas da totalidade. Para Santos (1999), Sartre distinguia totalidade e totalização, a primeira sendo o resultado e a segunda, o processo.

Mesmo que ocorra uma história narrativa com sequências de eventos, “a história descritiva [...] pode sempre ser confrontada com uma História-Problema”. (Barros, 2004. p. 98) As problematizações podem ser elaboradas a partir de várias dimensões e domínios históricos, além do uso de diferentes métodos e abordagens. Nesse sentido, poderemos ter várias interpretações dos diversos acontecimentos históricos.

A reescrita de fatos e acontecimento relacionados à história social, constituinte da formação social da comunidade de Carazinho, a partir de uma abordagem própria ou diferente da convencional, é parte da proposta do grupo de pesquisa. Nesse estudo o grupo toma como objeto de estudos, fatos, acontecimentos e ou personagens consideradas excluídas, e ou esquecidos de outros relatos históricos. Ou até mesmo situações que se assemelham a situações de marginalidade, por não terem sido contemplados em outros estudos históricos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão estabelecida sobre as diferentes interpretações da história, percebe-se que os fatos e acontecimentos históricos são temporais, onde novas interpretações se estabelecem como resultados de observação do pesquisador, do uso de novas técnicas de pesquisa e principalmente pela descoberta de novas fontes históricas.

Sabe-se que cada pesquisador formula suas perguntas específicas e serve-se de fontes e técnicas diferentes. Ao escrever e ou reescrever a história, as faz estabelecendo recortes espaciais e temporais próprios.

A pesquisa Pró-Memória de Carazinho possui enfoque interdisciplinar, a partir de um conjunto de temáticas significativas acerca da comunidade Carazinhense, a qual é tomada como centro de referência.

Dessa pesquisa, resultará o resgate histórico parcial de algumas instituições educacionais, religiosas, de saúde e sociais. Também buscará o resgate de fatos políticos, do esporte e da cultura, além da história de alguns personagens empresariais.

REFRÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS

AMIN, Samir; VERGOPOULOS, Kostas. **A Questão Agrária e o Capitalismo**. 2º Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: Especialidades e Abordagens**. Petrópolis: Vozes. 2004.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 5º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1999.